UNIENCA PIE LIERS DA PO

Cartas pela democracia

Roberto Lent - Maria da Conceição Tavares - Ronaldo Lima Lins Luiz Bevilacqua - Luiz Pinguelli Rosa - Heloisa Buarque de Hollanda Otávio Velho - Nelson Maculan - Edwaldo Cafezeiro - Roberto Leher Nelson Souza e Silva - Eduardo Viveiros de Castro - Maria Lúcia Werneck Vianna

Rio de janeiro, 28 de outubro de 2018

rofessores são reservas de conhecimento e memória. O **Boletim da Adufrj** pediu a 13 docentes da UFRJ, 11 deles eméritos, um depoimento sobre a eleição de 2018. Da carta escrita aos netos pelo avô Roberto Lent às lembranças doídas da tortura vivida por Maria Lúcia Werneck, da análise impiedosa de Maria da Conceição Tavares ao chamamento poético de Edwaldo Cafezeiro, este **Boletim** aposta que, em momentos históricos como os que vivemos, a experiência e a sabedoria podem ajudar a sinalizar um caminho. Sonhos não envelhecem. As cartas dos professores da UFRJ pela democracia são metáforas epistolares do papel iluminista do conhecimento frente ao obscurantismo e à barbárie. Boa leitura!



De: Professores da UFRI Para: Povo brasileiro Para:

Breve carta aos meus netos

Queridos netos,

hoje quero lhes contar uma história diferente.

Há quase 50 anos, num dia ensolarado de agosto, com 20 anos de idade, seu avô se viu com uma pequena sacola de roupas em frente ao Arsenal de Marinha no Centro do Rio de Janeiro, sem saber como fazer para chegar em casa. Exatos dois meses antes, num final de madrugada, um pelotão de fuzileiros navais tinha invadido a casa de meus pais (seus bisavós!), onde eu morava, levando-me para uma prisão numa ilha da Baía de Guanabara, com nome poético mas um ambiente nada parecido: a Ilha das Flores. Lá permaneci preso incomunicável pelos 25 dias seguintes, e depois numa cela coletiva até completar 60 dias de prisão. Não houve processo judicial que corresse normalmente, porque naquela época quem mandava eram os militares, e não o presidente e os parlamentares escolhidos pelo povo, ou os desembargadores avalizados pelos parlamentares para os tribunais superiores.

Em minha casa, encontraram muitas armas perigosas – os livros que meus pais compravam semanalmente para a família. A biblioteca foi posta ao chão, em busca daquelas outras armas de verdade, que eles têm mas eu não tinha. Ainda conservo essa biblioteca em casa, e alguns desses livros são os que vocês folheiam com curiosidade quando vão iluminar minha casa. No ano seguinte, a biblioteca ficou sem uso porque meu pai, que era um cientista e nunca exerceu cargo político, foi demitido do Instituto Oswaldo Cruz, proibido de trabalhar em qualquer entidade pública, e assim forçado a transferir-se para o exterior para não morrer de fome. Nenhuma acusação formal foi feita: ficou por isso mesmo.

Bem, a experiência sofrida na prisão me fez conhecer a falta que faz uma palavrinha estranha que vocês ainda não aprenderam: democracia. Algo que aprendi a admirar, cultivar, respeitar, e praticar na sequência de minha vida de aluno de medicina, aprendiz de pesquisador, professor universitário, cientista e avô de vocês. A democracia passou a ser um valor enraizado nos meus pensamentos. Compreendi-a como uma arma do cotidiano, com a qual não precisamos matar ninguém, mas sim tentar convencê-los (ou convencer-nos). Com a democracia podemos conversar abertamente com nossos amigos ou com desconhecidos, na escola, no trabalho, na rua, no restaurante. Divergir, convergir, pensar, concluir, e escolher trajetos para o nosso país.

Por que estou escrevendo tudo isso que vocês ainda não compreendem? Porque quero que leiam a minha carta quando puderem. Talvez eu já não esteja com vocês como hoje, mas quero que levem com vocês em suas vidas essas palavras meio tristes do vovô. Tristes sim, porque penso que estamos atravessando um momento muito parecido com aquele que eu vivi na juventude, e que não quero que vivam vocês na juventude que terão daqui a alguns anos.

Mas vamos direto ao ponto. Quero que saibam que, no ano de 2018 seu avô preferiu votar em Fernando Haddad do que em Jair Bolsonaro. A vida, como alguém já disse, é a ciência do necessário e a arte do possível. É necessário votar, por isso não uso o voto nulo nem o voto em branco – porque na verdade não são votos, e representam mais indiferença do que protesto: deixamos para os outros resolverem. É necessário votar no imprescindível, isto é, na democracia. E é inescapável escolher o possível, isto é o candidato que nos dê mais garantias de que a democracia será mantida e respeitada. Aquela mesma democracia que faltava quando seu avô saiu da prisão aos 20 anos, e que temos que preservar para que vocês a alcancem aos seus 20 anos.

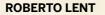
Não posso votar em Jair Bolsonaro porque seus valores negam esses princípios de minha vida inteira. Não posso apoiar quem rejeita as minorias e os diferentes, quem desrespeita as mulheres e os negros, os homossexuais e os opositores políticos. Não consigo escolher para me governar, alguém que nos ameaça com "autogolpes", escolas militarizadas, venda indiscriminada do patrimônio do Brasil, assassinatos e tortura, e tantos outros absurdos. Essa é a opção necessária.

Mas a democracia me dá uma única e imperdível opção possível: votar em Fernando Haddad, que se propõe a manter em funcionamento as nossas instituições, a valorizar a educação e a saúde públicas, enfim, a desenvolver o lado bom dos governos antecessores de seu partido. O lado bom, sim, porque ocorreu também um lado ruim que não podemos aceitar e temos que criticar: a corrupção institucionalizada, principalmente. Mas, com toda a divergência que tenho em relação aos governos anteriores, reconheço que a democracia funcionou plenamente, e é por isso que estamos votando agora, e também por isso que lhes escrevo esta carta que já vai longa demais.

Meus queridos netos, quero que saibam que em 2018 votei pela democracia e pela liberdade de vocês, contra o autoritarismo e a militarização do Brasil. As memórias de minha vida inteira não me deixam outra alternativa: o voto contra Bolsonaro é o necessário; o voto em Haddad é o possível.

Um beijo no coração,

Vô Rob.



Neurocientista, professor Titular do Instituto de Ciências Biiomédicas da UFRJ





O sonho da democracia não envelhece

Fugi da ditadura salazarista para as terras brasileiras, encantada com o sonho brasileiro de criar uma democracia nos trópicos. Logo este foi interrompido pela ditadura militar e anos de amargura foram enfrentados. Sobrevivemos para em 2018 ver que a diatribe conservadora de Carlos Lacerda de antanho era até um discurso civilizado diante da fala do candidato a Presidente da República Jair Messias Bolsonaro.

Este não é uma figura política conservadora, ele é um fascista! Assiste-se no momento no ambiente político mundial o fenômeno de vitória das ideias conservadoras – antiliberais – mas nada parecido com o candidato favorito até o momento nas eleições brasileiras. Porque nem a Marine Le Pen é fascista, é conservadora de direita! E ela não foi vitoriosa nas últimas eleições francesas, foi para o segundo turno e já deu

um susto no mundo.

O Brasil passa por um momento muito difícil, seguramente a maior crise econômica depois de 1929, desemprego colossal e uma proposta econômica do candidato Bolsonaro que é um "espanto". Seu provável Ministro da Fazenda, o ultra neoliberal Paulo Guedes, serviu ao General Pinochet e deseja aplicar seu receituário do livre mercado em todos os setores da economia e no social, como a educação e a saúde, atuando pela ótica do mercado.

A História, no entanto, ensina que só uma política econômica progressista retira a Economia do buraco. Fernando Haddad é tolerante, acredito que ele não teria dificuldade para governar e construir uma ponte com o Congresso Nacional para sair da crise econômica.

Enquanto o outro, de extrema-direita, não se sabe o que irá fazer. Viva a democracia!

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES

Professora Emérita do Instituto de Economia da UFRJ

A caixa de Pandora

O golpe de 2016, derrubando uma presidente eleita, não obstante o disfarce parlamentar e jurídico que o sustentou, abriu a Caixa de Pandora dos horrores que, à espreita, apenas aguardam uma oportunidade de agir. É comum que a exibição de forca provoque a exibição de forca em sentido contrário.

Na ditadura militar de 1964, não nos esqueçamos, assistimos a fenômenos semelhantes. O fascismo, desde o seu nascedouro no século passado, possui capacidade de voo e contaminação, incluindo os mais dóceis e acomodados setores da sociedade. Logo se veem senhoras e senhores da classe média, com expressões indignadas, somarem-se a ele como seus combatentes... Nem as escandalosas evidências da opressão por vir os levam a hesitar.

O que fazer em tais circunstâncias? Antes que os piores terrores nos cerquem e tornem o ar irrespirável (com suas bravatas, seus preconceitos, suas manobras, sua brutalidade), cumpre erguer barreiras, porque, uma vez o leite derramado, impossível recolocá-lo na garrafa.

É da vocação da universidade pública, bem como dos intelectuais, alinhar-se aos progressistas, refletir sobre os fatos, denunciar malfeitos e se somar, de peito aberto, aos jovens, aos homens maduros e de visão para que os nazifascistas se recolham e a História nos poupe do

desastre. Nossa Autonomia, entre outras coisas, serve para isso. Ainda há tempo. Apostemos!

RONALDO LIMA LINS

Professor Emérito da Faculdade de Letras da UFRJ

28 DE **OUTUBRO** DE **2018**

O Brasil não pode se tornar vítima de um processo de regressão civilizatória

Diante da urna, teremos que tomar uma decisão gravíssima ao indicar o candidato à Presidência que melhor conduzirá o Brasil na trilha do processo civilizatório. Faz parte desse processo a abertura de oportunidades para que nós, brasileiros, possamos cooperar com as outras nações com contribuições que sejam frutos da nossa capacidade de inventar e de inovar, de descobrir e de construir. É importantíssimo evitar o mergulho no poço dos fracassados, onde prevalece o aborto das boas ideias e a destruição das heroicas iniciativas industriais. Vivemos nesse inferno já faz quase três anos após um período de doze anos de recuperação da nossa capacidade industrial (Petrobras, Embraer, agronegócios, indústria naval, veículos, eletrodomésticos, incubadoras de empresas, Embrapa, parques tecnológicos, entre outros).

Diante da urna, da urna de restos mortais, vemos Celma, Engesa, FNM, Metal Leve, Gurgel, e muitas outras empresas que foram "assassinadas" por equivocados planos econômicos de governos que não veem o Brasil capaz de levantar a cabeça. Vemos ainda nessa urna os projetos natimortos, Fotografia (Hercules Florence), Dirigível e aviação (Santos Dumont), Câmbio automático (Fernando Iehly de Lemos e José Braz Araripe), Radiotransmissão (Roberto Landell de Moura), Motor a álcool (Urbano Ernesto Stumpf). Finalmente estão sendo lavradas em novas lápides os nomes de Embraer, Petrobras, Eletrobrás, entre outras, com o cinzel fabricado pela atual administração.

É impossível que a comunidade científica brasileira - os professores e pesquisadores, os estudantes sejam de graduação ou pós-graduação, os técnicos e administradores - seja incapaz de distinguir a diferença entre as condições de trabalho e a política de P&D entre 2003 e 2015, com a qual colaborou ativamente o candidato Haddad, e as condições de trabalho e a política de P&D que prevalece desde 2016, e que é a preferencial do candidato Bolsonaro e sua equipe econômica.

Mas também faz parte do processo civilizatório o respeito à liberdade de expressão, a justiça sem justiceiros, os tribunais sem medo, a preservação da História, a rejeição de processos de confusão de informações, a rejeição a ameaças a instituições legitimamente constituídas. O candidato Haddad demonstra respeito pelo processo civilizatório, e o candidato Bolsonaro promete no seu plano de governo "expurgar" ideias de Paulo Freire, cujo nome está entre os três autores mais citados no mundo em matéria de educação. Não se pode confundir concordar ou discordar de ideias com a queima de livros. Os correligionários do candidato Bolsonaro, inclusive parlamentares eleitos que o apoiam, já violam os mais elementares princípios de civilidade, em declarações que ameaçam o

fechamento de tribunais de justiça, violência física e gravações de símbolos nazistas em prédios que abrigam pessoas que não os apoiam, além de outros atos simbólicos de violência.

Não há voz no mundo civilizado, abrangendo todo o espectro de opções político-econômicas, que não discorde explicitamente da atitude e das ameaças do candidato Bolsonaro. Ele está distintamente na contramão da história. Caso eleito colocará o Brasil numa posição ridícula, no poço de um primitivismo intelectual muito mais significativo do que o avaliado pelo programa internacional PISA com o qual o candidato tanto se escandaliza.

Finalmente quero dizer que a construção iniciada pelo saudoso professor Alberto Luiz Coimbra, faz 55 anos, não pode ser destruída sem que haja uma debâcle geral e irrecuperável na educação universitária brasileira. E que não se venha com a justificativa infantil de que depois de quatro anos se corrige. Muitos de nós que dedicamos mais de 30, 40, 50 anos de nossas vidas não estamos dispostos a desrespeitar Alberto Coimbra, a colaborar com o covarde desmonte do Brasil para ficarmos com restos que sobram do prato dos países centrais, como já foi proclamado: *This division of labor tends to have engineering and scientific research take place in more mature nations while prototyping, scale-up, and manufacturing occur in what he called "catch-up" economies.*

Só o candidato Fernando Haddad será capaz de conduzir o Brasil com dignidade e cabeça erguida participando no concerto das nações como todos nós merecemos. Façamos da urna um berço de renascimento e não um caixão de restos mortais.

LUIZ BEVILACOUA

Professor Emérito da Coppe

PIMENTEL/ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL



Resistir ao autoritarismo

Eu era tenente do Exército quando ocorreu o golpe. Meu comandante reuniu os oficiais para informar que João Goulart tinha viajado para o Rio Grande do Sul e que o presidente do Senado havia declarado vaga a Presidência da República. Nesta reunião, eu me manifestei que, se Jango estava no Rio Grande do Sul, continuava no território nacional e presidente, pela Constituição. Ele imediatamente me colocou em regime de detenção no quartel, por algumas semanas.

Já fora do Exército e professor da UFRJ, participei da fundação da Adufrj num período posterior, em 1979. Havia aqui um reitor progressista, o Luís Renato Caldas. Ele chamou a comunidade a fazer um grande debate sobre os rumos da universidade, em plena ditadura. Nós nos reunimos e daí saiu a ideia de fundar uma associação docente. Esse movimento estava ocorrendo no Brasil inteiro. A principal bandeira, a ideia dominante, era a defesa da universidade. Fui o primeiro presidente da Adufrj. Em seguida, veio a Associação Nacional dos Docentes. Fui o primeiro secretário-geral da Andes e, numa segunda diretoria, presidente. A Andes teve um papel muito importante na luta pelas Diretas Já. Participava do comitê

nacional junto da UNE, OAB, ABI.

Nas eleições atuais, pelas declarações do candidato que tende a ser o vitorioso, infelizmente, acho que vamos ter a volta de um autoritarismo muito grande. Para a universidade, as declarações da campanha também são muito hostis ao ensino gratuito. Não sei até que ponto Bolsonaro também vai seguir as regras para eleição de reitores. Vejo dias difíceis à frente.

Até domingo, é tentar virar o jogo. Houve um crescimento do Haddad e a surpreendente notícia de que, pelo Ibope, na cidade de São Paulo, ele superou o Bolsonaro. Isso dá esperança. Depois de 28, se o resultado não for favorável, é tentar resistir ao autoritarismo, como fizemos no tempo da ditadura. A associação terá um papel muito importante. Contamos com um problema sério, pois Bolsonaro está sendo eleito. Não é como o golpe da ditadura. Mas a eleição dele está no encadeamento do golpe que derrubou a Dilma. Temos de lutar, pois Hitler também foi eleito. Depois, no poder, deu o golpe e criou

LUIZ PINGUELLI ROSA

Professor Emérito da Coppe/UFRJ

a pior ditadura da história do Ocidente.

Missão docente exige liberdade

Escrevo como professora emérita, há mais de 50 anos vinculada à UFRJ. É a partir dessa experiência, nem sempre pacífica, que me dirijo à Adufrj para reiterar a importância da liberdade em nossa missão fundamental como docentes e pesquisadores.

O ensino e a pesquisa, eixos das universidades públicas, garantem o desenvolvimento do país, a inovação científica e cultural e a construção cidadã baseada no respeito às diferenças de gênero, étnicas, de classe e religião. Essa missão não pode ser colocada em risco ou enfraquecida sob pena de graves prejuízos para a sociedade e para o país.

Assim, o fortalecimento das condições para a produção livre de conhecimento, neste momento sombrio, deve ser o compromisso prioritário de toda a comunidade acadêmica e desse sindicato que nos representa.

HELOISA BUARQUE DE HOLLANDA

Professora Emérita da Escola de Comunicação da UFRJ e coordenadora do PACC

Universidade é estratégica

Neste momento grave que atravessamos, é extremamente importante afirmar a centralidade da universidade pública na vida nacional. Ainda mais quando nos últimos anos a sua composição vai aos poucos finalmente encontrando toda a diversidade que caracteriza o país, sendo para os antropólogos particularmente grato constatar a crescente — embora ainda muito insuficiente — presença negra e indígena em seus quadros.

Essa abertura também torna a universidade um elemento estratégico para que a democracia se transforme numa vivência autêntica para todos e que permita defendê-la das ameaças que rondam o nosso frágil equilíbrio institucional. E também só assim teremos a esperança de encarar o autoritarismo estrutural que está na base desse e de outros problemas e que tanto dificulta uma convivência equilibrada e justa.

OTÁVIO VELHO

Professor Emérito do Museu Nacional da UFRJ



28 DE OUTUBRO DE 2018

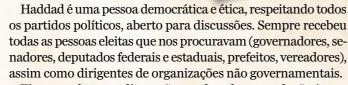
Por que voto em Haddad

Convidado, no início de 2004, pelo Ministro da Educação Tarso Genro para o cargo de Secretário de Educação Superior do seu ministério, aceitei o convite e pude conviver de fevereiro de 2004 a dezembro de 2006 com Fernando Haddad.

Inicialmente, Haddad era o Secretário Geral do MEC e, a partir de 2005, como Ministro da Educação, quando, por dever de ética, entreguei-lhe minha carta de demissão, disse-me que eu continuaria no cargo de Secretário de Educação Superior.

Nessa convivência diária com Haddad, nasceu um grande e mútuo respeito profissional entre nós dois. Haddad sempre animando e cobrando os planos que havíamos estabelecido para a Educação no Brasil. Grande gestor, fez com que as diferentes secretarias do MEC trabalhassem em conjunto. Respeitávamos muito a liderança desse jovem ministro.

Tendo começado na gestão do Ministro Tarso Genro a expansão das instituições federais de educação superior (IFES), visando à sua interiorização e à criação de novas IFES em cidades não capitais estaduais, Fernando Haddad deu continuidade a essa tarefa hercúlea e criou novos desafios para todas as secretarias do MEC. Não devemos esquecer a sua luta para a criação dos institutos de tecnologia em todo o nosso imenso território.



Tivemos algumas discussões acaloradas em relação à maneira de realizar os projetos educacionais; no entanto, sempre foram no plano profissional, nunca no plano pessoal.

Além do Ensino, sempre teve muita preocupação com a Pesquisa e a Cultura nas universidades.

Foi um Ministro que deixou, após 7 anos no MEC, um trabalho imenso em prol da Educação: criação de novas IFES, novos campi universitários federais, implementou a avaliação de todos os cursos de instituições de educação superior particulares e federais, trouxe para muitos estudantes de camadas mais desfavorecidas novas maneiras para a sua permanência nos estudos e para o seu ingresso nas instituições de educação superior.

É um estadista.

NELSON MACULAN FILHO

Professor Emérito e ex-reitor da UFRJ

Juntemos os cantos de galo

A vida que sonhamos viver continua acenando para nós. As demandas permanecem muitas; as forças contrárias, no momento, podem ser maiores. No entanto, aqui estamos, mais uma vez juntos e expectantes – estudantes, professores, trabalhadores –, cientes de que forjamos um amanhã mais feliz para todos. A todo momento enfrentamos moinhos de vento e erramos a direção da ilha que desejamos e voltamos a fazer as andanças.

As rosas que plantamos nasceram em maus jardins. Mas aqui estamos, insistindo, resistindo, persistindo. Diz o poeta que "um galo sozinho não faz uma manhã". Juntemos nossos cantos de galo, como os fios de ouro que virão. O importante é não abandonar nosso trabalho e o que fize-

mos até aqui. A UFRJ é nosso abrigo solidário e uma permanente esperança, reafirmada sejam quais forem os desvios e as pedras no caminho.

EDWALDO CAFEZEIRO

Professor Emérito da Faculdade de Letras da UFRJ

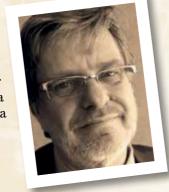


MILTON/ACERVO DO ARQUIVO NACIONAL OS ALUNOS DA DOLLA DEVE DETESA DO ORETTO ORETTO

Sem neutralidade possível

Não há neutralidade possível diante da ascensão do fascismo e de agrupamentos que pregam a aniquilação dos que deles divergem. Infelizmente, o ano em que celebramos os 30 anos da promulgação da Constituição Federal é um tempo perigoso para a democracia. Das liberdades individuais aos direitos sociais que consubstanciam a liberdade, todas as cláusulas pétreas da Constituição estão sendo aviltadas. A Emenda Constitucional 95 ganha sustentação nas narrativas irracionalistas, nas *fake news* veiculadas e impulsionadas por grandes grupos econômicos que querem um país sem

leis trabalhistas justas, educação pública, laica, gratuita e de elevada qualidade. É preciso reivindicar os valores iluministas, estimular o uso crítico e autônomo da razão para que, por meio do voto esclarecido, cada cidadã e cidadão possa afirmar a democracia e a justiça social.



ROBERTO LEHER

Reitor da UFRJ

Sou médico. Rejeito quem apoia tortura

" O artigo 25 do Código de Ética Médica diz que é vedado deixar de denunciar prática de tortura ou de procedimentos degradantes, desumanos ou cruéis, praticá-las, bem como ser conivente com quem as realize ou fornecer meios, instrumentos, substâncias ou conhecimentos que as facilitem. Como médico, não é possível apoiar um candidato que apoia a tortura, um candidato cujo ídolo foi um torturador reconhecido, o Brilhante Ustra.

Como médicos, também não podemos apoiar um projeto ultraliberal que vai ampliar a desigualdade social. Nossos estudos demonstram que a pobreza é o maior fator de risco para causar mortes por doenças cardiovasculares, por exemplo. Morre-se dez vezes mais de derrame cerebral em Campo Grande e Santa Cruz, menores índices de desenvolvimento humano da cidade, do que na Gávea, maior IDH da capital. E morre-se mais cedo. O conjunto de fatores que propiciou a ascensão da candidatura Bolsonaro é semelhante aos fatores que possibilitaram o surgimento do nazismo na Alemanha ou do fascismo na Itália. Isto tem origens mais recentes nos golpes de 1954 (que levou Getúlio Vargas a se suicidar), 1964 (que derrubou João Goulart) e 2016 (que derrubou Dilma Rousseff).

NELSON A. DE SOUZA E SILVA

Professor Emérito da Faculdade de Medicina da UFRJ



O Brasil será o país do passado?

Em um passado não muito distante, o Brasil foi louvado como "o país do futuro" por um escritor judeu que aqui chegou fugindo do nazismo. Eis que agora, em um futuro muito próximo, o Brasil pode voltar a ser um país do passado. De um passado que nunca passou completamente. Um passado que parece não conseguir acabar de passar. Um passado de escravidão, de racismo, de violência genocida, em que os povos brasileiros eram subjugados por uma elite espantosamente cínica, insaciavelmente gananciosa, absolutamente implacável em sua sede de dominação e de lucro. Um passado cada vez mais presente, cada vez mais iminente, que nos levará para os tempos sombrios anteriores às décadas em que estivemos formalmente livres da ditadura.

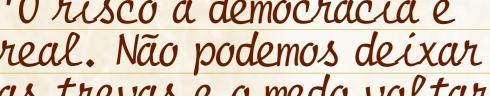
As conquistas obtidas nessas últimas décadas, no sentido da extensão dos direitos fundamentais, da justiça social, da redistribuição de renda, a consagração de um país mais justo com a promulgação da Constituição Federal de 1988, tudo isso se vê hoje ameaçado de anulação, em um retrocesso histórico que poucos países do mundo já experimentaram. Nossa pobre democracia cada vez mais se mostra uma democracia consentida por uma casta militar que se julga tutora da nação — essa nossa democracia está em perigo de vida. Nunca acertamos as contas com a escravidão, o etnocídio, a exploração desenfreada do povo, a tutela militar, o autoritarismo profundo, que sempre marcaram nossa história. Agora estamos vendo o quanto isso nos pode custar.

É preciso resistir. É preciso repelir o ódio representado por um candidato à presidência que alia uma total incompetência para governar a um discurso moralmente repugnante; que louva a tortura, que não disfarça seu racismo, sua misoginia, sua homofobia, seu desprezo pelos pobres, sua admiração estúpida pela violência. Seu elogio da morte. Não podemos deixar se realizar o impensável que seria a transformação do Brasil em um país fascista. É preciso resistir. Vamos resistir.

EDUARDO VIVEIROS DE CASTRO

Professor emérito do Museu Nacional





ANA BEATRIZ MAGNO

anabiamagno@adufrj.org.br

a manhã de 31 de março de 1964, a professora Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna deixou a maternidade com seu primeiro filho nos braços e um enorme aperto no peito. Aos 21 anos de idade, Marilu não sabia se João Pedro cresceria num Brasil capturado pela barbárie ou num país reinventado pelos sonhos libertários que sua família acalentava.

Àquela altura os brasileiros se dividiam entre os que flertavam com o golpismo e os que deviam lealdade à democracia. Os Teixeira eram radicalmente democratas. "Meu pai era homem tão crédulo em seus ideais que no dia que João Pedro nasceu encheu o quarto do hospital de rosas vermelhas e comemorou a chegada do neto em tempos vermelhos", conta.

O brigadeiro Francisco Teixeira, pai de Marilu e de mais três rapazes, um deles o ex-reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira, cumpriu uma carreira pródiga nas Forças Armadas. Simpatizante do Partido Comunista, sempre esteve alinhado aos princípios do nacionalismo. Participou da campanha O Petróleo É nosso, chefiou o gabinete do Ministro da Aeronáutica na Era JK, e no ápice da crise do governo Jango, comandava a 3ª Zona Aérea do país. Era um cargo estratégico para a segurança nacional naqueles conturbados anos. "Meu pai estava pronto para resistir. Tinha certeza que sua tropa resistiria, enfrentaria os traidores da Constituição e garantiria a democracia".

A esperança e a ilusão do brigadeiro se transformaram em 21 anos de pesadelo. Francisco Teixeira foi preso quatro vezes durante a ditadura. Seu filho Aloísio ficou na cadeia seis meses. Sua casa foi misteriosamente incendiada. Mudaram de endereço várias vezes. A mãe de Marilu não sofreu apenas o terror de ver o marido e os filhos perseguidos. Enfrentou a humilhação de ser declarada viúva de marido vivo. O brigadeiro foi aposentado compulsoriamente e declarado morto para as Forcas Armadas. Para a filha, no entanto, ele era o mais vivo dos pais, era literalmente seu anjo da guarda, como conta pela primeira vez em um emocionante depoimento sobre os dez dias de prisão e tortura em 1970:

"Eu estava sendo perseguida. Queriam saber do meu marido, um cientista político cassado pelo regime. Era véspera da Copa do Mundo. Estava em meu apartamento ao lado do prédio dos meus pais, quando três militares tocaram a campainha.

Foi horrível, meus filhos estavam no elevador com meu irmão mais novo. Ele fazia gestos para as crianças não falarem nada. Coitados, eles lembram até hoje. Tinham cinco e seis anos de idade, ficaram nervosos e falaram na frente dos militares que não iam falar nada. Meu



OS TEIXEIRA. Brigadeiro, filho Raul e neto João Pedro

irmão correu e avisou ao meu pai. Ele veio correndo para o meu apartamento e disse que só me levariam se o levassem junto. Ele foi preso por minha causa, para

Fomos vendados, num fusca, de Botafogo até a Tijuca, no Quartel da Polícia do Exército. Meu pai foi colocado numa cela em frente à minha. Deram uma vassoura para ele, era obrigada a passar o dia varrendo o chão. Um brigadeiro.

Toda hora falavam para mim: 'olha o papai lá'. A pior parte era descer para o interrogatório. Todo dia, dez dias seguidos. Eles queriam saber onde estava meu marido. Eu não dizia. Eles davam choques em meus braços e me ameaçavam mostrando o pau de arara. Depois me deixavam na cela, ouvindo os gritos desesperados de meus companheiros.

Foi muita angústia, eu passava o tempo fazendo barquinhos de papel. Guardo até hoje. Eu resisti, mas não esqueci. Não esqueci dos efeitos sobre meus filhos, do medo deles, do impacto sobre suas vidas. Não quero que isso se repita com meus netos. Hoje temo por eles. E pelo Brasil."

Marilu está transformando seu medo em luta. Aposentada, septuagenária, preside a Adufrj com garra. "A universidade está ameaçada. São tempos diferentes. Hoje temos instituições mais sólidas, mas o risco à democracia é real. Sou de uma geração iluminista que encara a luz como a única saída para a produção do conhecimento. Não podemos deixar as trevas e o medo voltarem", conta a mãe de João Pedro, o primogênito que saiu da maternida na véspera da mais longa noite brasileira e que ganhou o nome de um bravo líder camponês assassinado. "Precisamos de heróis".

BOLETIMDAADUFRJ



UNIVERSIDADE VIGIADA

REDAÇÃO

comunica@adufrj.org.br

oderia ser uma cena de 50 anos atrás: dentro de um campus de uma universidade federal, cinco policiais federais vigiam uma assembleia estudantil organizada em defesa da democracia e contra o fascismo. A pretexto de defender a lei eleitoral, um fiscal da Justiça Eleitoral exibe ordem judicial para prender quem fizer "alguma fala tendenciosa".

A cena ocorreu na quarta-feira, 24, no prédio que abriga os campi da UFRJ e da UFF em Macaé. É parte de uma série de acontecimentos que, às vésperas das eleições, indicam o reforço da vigilância sobre a universidade e um ataque claro à autonomia universitária.

Em Macaé, o clima de indignação marcou a assembleia. Os estudantes acusaram o TRE de intimidar e censurar o movimento estudantil. Professor de Biologia da UFRJ e representante sindical da Adufrj, Jackson Menezes afirmou que não foi a primeira ação da Justiça Eleitoral para coibir manifestações. "No primeiro turno, estiveram no Instituto Federal Fluminense retirando adesivos do peito das pessoas", contou.

A intimidação em Macaé começou na véspera da assembleia estudantil. Fiscais do TRE foram até o campus, entraram na Faculdade de Direito da UFF e constrangeram um professor e alunos. Queriam saber quem estava organizando a assembleia. "Disseram que seria proibido citar candidato, mesmo em pergunta", afirmou Rafaela Corrêa,

do DCE UFRJ.

No mesma quarta-feira, fiscais do TRE estiveram no campus da UFRJ no Fundão e apreenderam material distribuído num debate com Manuela D'Ávila, candidada a vice na chapa de Fernando Haddad. O vice de Jair Bolsonaro foi convidado e recusou.

Os fiscais contaram que receberam denúncia de campanha irregular e mostraram somente pedido de investigação do Ministério Público Eleitoral no WhatsApp. O decano do Centro de Tecnologia, professor Walter Suemitsu, acompanhou os fiscais, defendeu os alunos e informou que todos os passos do evento foram antecipadamente avisados à Decania e ao TRE.

Ao **Boletim da Adufrj**, a Justiça Eleitoral informou ter recebido denúncia de que haveria campanha e distribuição de material em Macaé. O juiz Sandro de Araújo Lontra determinou o envio de equipe ao local. A ação no campus do Fundão, segundo o TRE, foi motivada por denúncia da Procuradoria Eleitoral. O TRE não informou se houve decisão judicial. A Lei Eleitoral proíbe o uso de prédios públicos para campanha.

VIGILÂNCIA POR TODA PARTE

Na terca-feira, 23, uma equipe do TRE foi à Faculdade de Direito da UFF, e retirou a faixa "Direito Antifascista". A UFF registrou a ocorrência. Em nota, o Andes repudiou as ações. "Representam um ataque às universidades e à liberdade de expressão", afirma a nota.

Na Paraíba, a Associação de Docentes da Universidade Federal de Campina Grande foi alvo de mandado de busca e apreensão de panfletos em defesa da democracia e da universidade. No Rio Grande do Sul, a Justiça Eleitoral proibiu o evento "Contra o Fascismo. Pela democracia", na UFR-GS. A aula pública teria a presença de Guilherme Boulos e do ex-governador Tarso Genro. "Censurado para falar na UFRGS, no estado que governei. Fascismo cresce", protestou Genro.



ferramenta visa ajudar a proteger e dar suporte a estudantes, professores e técnicos que estejam passando ou passem por situação de intimidação ou violência por motivação política.

(21) **99808-0672**





Consuni pela democracia

Conselho repudia violência contra cidadãos por suas convicções políticas

ELISA MONTEIRO

elisa@adufrj.org.br

Conselho Universitário da UFRJ aprovou, na sessão do dia 25, manifestação que afirma a democracia como valor civilizatório e fundamento dos direitos humanos. Por unanimidade, o Consuni endossou integralmente a carta publicada pela Reitoria no último dia 19. O documento segue a linha da declaração feita pela Associação Nacional dos Dirigentes (Andifes). "As instituições federais estão refletindo sobre o contexto do país, principalmente, a violência contra cidadãos, por convicções pessoais", destacou o reitor Roberto Leher.

A presidente da Adufrj, Maria Lúcia Teixeira Werneck Vianna, discursou no Consuni e defendeu a pluridade da universidade. "Em relação à defesa da Carta Constitucional e da universidade pública de qualidade, a UFRJ está coesa. É pela civilização e não pela barbárie", afirmou.

A SEGUIR, TRECHOS DO DOCUMENTO **APROVADO NO CONSUNI:**

"Acompanhando de modo cidadão o atual processo eleitoral, o Conselho Universitário da UFRJ manifesta o seu compromisso com a laicidade da educação pública, recusando de modo categórico tanto a difusão de proseli-



REUNIÃO DO CONSUNI: maior instância da UFRJ aprovou manifestação em defesa da democracia

tismo religioso de qualquer espécie nas atividades acadêmicas como o intento de imposição do criacionismo. Repudia as manifestações racistas, LGBTfóbicas, misóginas, xenofóbicas e todas as formas de negação da igual humanidade de todas as pessoas. (...)

A universidade pública federal é uma instituição democrática que reconhece e valoriza todas as formas de expressão da humanidade (...) A tentativa de impor pela forca e pelo medo concepções de mundo não é compatível com a convivência universitária. (...)

Exortamos ainda toda a sociedade e a comunidade acadêmica, em especial, a praticarem a reflexão sistemática, contextualizada, fundamentada para que a escolha eleitoral reafirme os valores da democracia, do diálogo, da ética em prol de uma sociedade que proporcione bem viver a todo o povo (...)

UFRJ CRIA FRENTE AMPLA CONTRA O FASCISMO

■ "A resistência deve continuar, independentemente do resultado de domingo", disse a presidente da Adufri, professora Maria Lúcia Werneck, em assembleia comunitária da UFRJ. Durante a reunião. realizada dia 22 no Centro de Tecnologia, professores, técnicos, estudantes e terceirizados formaram uma frente ampla em defesa da universidade pública e contra o fascismo.

A avaliação é que o programa de Jair Bolsonaro (PSL), até aqui à frente nas pesquisas eleitorais, ameaça direitos

dos trabalhadores e às liberdades democráticas. Mas, mesmo com uma vitória de Fernando Haddad (PT), a onda conservadora que varre o país merece vigilância permanente: "São ataques muito sérios à universidade. E que não vão se encerrar no domingo", disse Gerly Miceli, coordenadora do Sintufrj.

Representante do DCE, Thallys Albert observou que Bolsonaro significa o fim da democracia; "A UFRJ inteira tem que dizer que é contra o fascismo", afirmou. "Precisamos ter a firmeza de lutar pela

nossa universidade", reforçou Waldinéa Nascimento, presidente da Associação dos Trabalhadores Terceirizados.

PRÓXIMAS ASSEMBLEIAS 31/10

■ Assembleia da Adufrj

9h às 12h, no Auditório Visconde do Rio Branco - Fundos do bloco D. 1º andar, CT

■ Assembleia Comunitária

15h. Auditório do Roxinho (CCMN)



De um lado, a democracia. De outro, tudo o que a ela se opõe: a ditadura, a censura, a tortura, o ataque às minorias. Esta última newsletter antes do segundo turno reflete sobre o pleito de domingo como divisor de águas em várias áreas da vida nacional. Para Ligia Bahia, vice-presidente da Adufri, as eleições vão indicar se o SUS seguirá como sistema universal de atendimento ou como organização de caridade, que atende quem não tem dinheiro para saúde privatizada. O professor Luiz Pinguelli Rosa, da Coppe, afirma que o necessário combate à corrupção não pode significar a perseguição de opositores. A democracia vai muito além disso. Boa leitura e bom voto!

Artigo

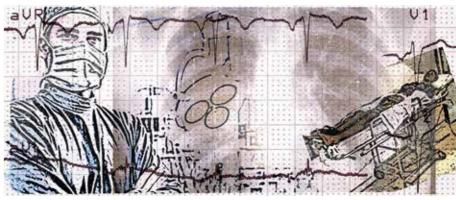
LIGIA BAHIA

Professora da UFRJ, especialista em Saúde Coletiva e vice-presidente da Adufrj



SUS: entre a empatia e o cinismo

urrículos de medicina e outras profissões de saúde são objeto permanente de reformas e reflexões desde o início do século XIX. A formação de bons profissionais, com conhecimentos empíricos e teóricos, foi um enorme desafio quando as escolas médicas não tinham atividades de pesquisa. Atualmente requer-se que médicos, além de conhecimentos e capacidades técnicas, possuam habilidades relacionais com pacientes, seus parentes e opinião pública. Estimula--se a empatia (atributo cognitivo que permite intuir sentimentos, detectar pistas não verbais, dispor-se a estar perto, compartilhar saberes, decisões terapêuticas). Não se trata de ter pena de quem sofre, propensão à caridade ou mesmo simpatia - emoções que podem ser respondidas negativamente pelos pacientes. O contrário da empatia é o cinismo, que se desenvolve em função das longas jornadas de trabalho, competição por melhores postos de trabalho, hierarquias estabelecidas sem mérito e constatações sobre práticas negativas de médicos mais velhos. Para conter o cinismo, é preciso debater, questionar se o lugar dos médicos é acima ou ao lado



dos demais cidadãos. As atuais eleições definirão se o SUS seguirá se afirmando como expressão institucional do direito universal à saúde ou se consolidará como uma organização de caridade. Haddad se compromete com aumento de recursos financeiros para a saúde, com a formação adequada de profissionais de saúde em universidades públicas. O programa eleitoral de Bolsonaro para a saúde declara ser "possível fazer muito mais com os atuais recursos!", posicionamento que é divergente da maioria dos candidatos no primeiro turno. Enquanto Haddad detalha programas e atividades a serem implementadas e expandidas, Bolsonaro apresenta intenções sobre a melhoria de inserção profissional de médicos, professores de

educação física e dentistas. Os médicos seriam credenciados universalmente, professores de educação física integrariam equipes de saúde da família e dentistas atenderiam gestantes. São sugestões já testadas ou incorporadas, que supostamente conferem relevo aos profissionais de saúde.

Propostas que deixam os pacientes e o SUS para trás representam um enorme retrocesso. Sem compromissos com a melhoria das condições de vida e saúde, sem compreensão sobre as necessárias relações respeitosas entre humanos e ritmos da natureza é inviável atender interesses profissionais, por mais legítimos que sejam. É um sistema de saúde abrangente e qualificado que permite o trabalho digno. Sem SUS prevalece o cinismo.

Artigo

LUIZ PINGUELLI ROSA

Professor da Coppe/UFRJ, fundador e ex-presidente da Adufrj

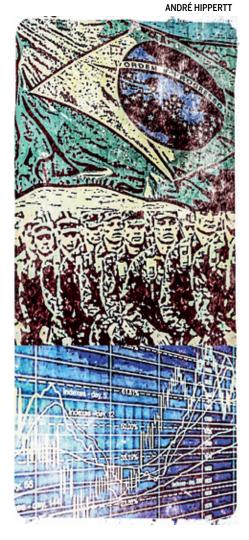


O futuro do Brasil após as eleições

ão resisto a iniciar este artigo comentando o recente fato absurdo de, por ordem da Justiça, ter sido removida pela polícia uma faixa fixada no interior do campus da Universidade Federal Fluminense (UFF) com os dizeres "Direito da UFF Antifascista". As conclusões desse fato são:

- 1- Houve uma arbitrariedade policial a mando da Justiça contra a autonomia da Universidade, tratada como equivalente a logradouros públicos em geral, contra o que protestei em artigo na imprensa há tempos atrás.
- 2- Se o antifascismo no Brasil é julgado ser um crime, logo o correto segundo a Justiça é ser fascista.
- 3- Se a faixa foi vista como uma manifestação não apenas contra a ameaça fascista mas a favor do candidato Haddad, então a Justiça entende que o candidato Bolsonaro é fascista.

Essa constatação indica que o autoritarismo extremista de direita já vigora no atual governo, originado de um golpe parlamentar que depôs a presidente Dilma, legitimamente eleita e honesta. À primeira vista isto pode parecer contraditório com o medo que inspira a possível eleição do seu sucessor de extrema direita. A contradição é esclarecida se consideramos que há uma continuidade entre Temer e Bolsonaro, embora com métodos politicamente mais radicais. Ela é explícita pela política econômica neoliberal de ambos, daí o apoio do empresariado ao candidato da direita. E há o papel parcial e conservador da Justiça em geral, salvo honrosas exceções, contra a esquerda e a democracia. A operação lava-jato eliminou a candidatura de Lula, primeiro colocado na pesquisa



eleitoral, condenado por ter recebido de uma empresa um apartamento que não recebeu.

Repete-se como uma farsa trágica o exemplo histórico da Itália: a operação "mani pulite" levou Berlusconi ao poder, como a operação lava-jato leva Bolsonaro a ganhar a eleição, alavancado por consultoras de implantação de *fake news* por *robots* informáticos, em nome do combate à corrupção. Esta última de

fato existe há muito tempo e o PT no poder não a impediu como demonstraram os lamentáveis episódios na Petrobras, apesar do apoio que deu ao Ministério Público e da criação da Controladoria Geral da União (CGU) em nível de ministério. Mas, também em nome do combate à corrupção, a direita e o presidente Carlos Luz tentaram impedir a posse do presidente eleito Juscelino, garantida pelo general Teixeira Lott, um militar nacionalista apoiado pela esquerda, pela qual concorreu depois a presidente da República.

O que esperar então do próximo governo com Bolsonaro? Em primeiro lugar haverá uma combinação de direitismo extremado com liberalismo econômico. Os exemplos de direitismo de Trump nos EUA e de Marine Le Pen na França são ambos nacionalistas, embora esta palavra nos países ricos tenha significado diferente do que significa em países não desenvolvidos como o Brasil. Trump proclama "America first", enquanto Bolsonaro faz continência para a bandeira norte-americana e promete privilegiar as relações com os EUA e reduzir as taxas de importação de produtos norte -americanos. Quanto às privatizações anunciadas pelo seu assessor Paulo Guedes, elas foram desmentidas pelo candidato pelo menos das empresas vistas como estratégicas.

Muito preocupante é a defesa pelo candidato da tortura e da perseguição política praticadas pela ditadura militar originada do golpe de 1964, contra as quais teremos de nos mobilizar na sociedade para que não voltem pelas mãos de seus seguidores mais radicais. E um deles assassinou um mestre de capoeira na Bahia por se declarar eleitor de Haddad.